
Instagram como meio contra-hegemônico no processo de enfrentamento das assimetrias sociais

Instagram as a counter-hegemonic medium in the coping process of social asymmetries

Bruno Pinheiro Da Silva³
Sara Larissa Xavier Pereira⁴

RESUMO

O intuito da pesquisa é discutir de que forma o Instagram funciona como meio contra-hegemônico no enfrentamento das assimetrias sociais através do compartilhamento de de pautas sobre mobilização social e cidadania. Para alcançar tal propósito, o perfil “Lagarta Vira Pupa” (@lagartavirapupa) foi utilizado como objeto de análise. Utilizando a Análise de Conteúdo (AC) como metodologia de pesquisa, foram identificadas duas categorias: (1) meio de circulação de discurso contra-hegemônico através de instrumentos educativos e informativos e (2) ferramenta de geração de identificação.

PALAVRAS-CHAVE: hegemonia; instagram; autismo; análise de conteúdo.

ABSTRACT

The aim of the research is to discuss how Instagram works as a counter-hegemonic means in tackling social asymmetries through sharing guidelines on social mobilization and citizenship. To achieve this purpose, the profile “Lagarta Vira Pupa” (@lagartavirapupa) was used as an object of analysis. Using Content Analysis (CA) as a research methodology, two categories were identified: (1) means of circulating anti-hegemonic discourse through educational and informational instruments and (2) identification generation tool.

KEYWORDS: hegemony; Instagram; autism; content analysis.

1. HEGEMONIA E O INSTAGRAM

³ Recém-graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); e-mail: bps.pinheiro@gmail.com

⁴ Estudante do 8º semestre em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e-mail: saraxavierpereira@gmail.com

A transmissão de informações e fatos por meio do Instagram possibilita um vínculo entre cidadania e público, além de funcionar como meio de circulação de ideias. Diante de tais fatos, o objetivo deste trabalho é analisar de que modo a rede social em questão pode ser utilizado como ferramenta de enfrentamento às assimetrias sociais, servindo como meio contra-hegemônico no processo de transmissão de informação e conscientização. Para alcançar este propósito, utilizaremos o autismo e a conta “Lagarta Vira Pupa” como objetos de pesquisa. Daí a necessidade de utilizar os conceitos de hegemonia ao longo deste presente trabalho, pois o enfrentamento às assimetrias sociais está relacionado aos estudos de Gramsci.

Primeiramente, a concepção de hegemonia foi desenvolvida por Lênin, mas o conceito ganhou notoriedade somente com o teórico marxista Antonio Gramsci em “Os Cadernos do Cárcere” entre os anos de 1926 e 1937. Conforme o autor, a hegemonia refere-se ao poder que um grupo social exerce sobre a inteira sociedade nacional, executado através das organizações privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas (GRAMSCI, 2011, p. 264).

Em Lênin, a hegemonia era definida como a supremacia de um povo sobre outros, em questões culturais ou até militares. Gramsci reconstrói o conceito de hegemonia com base na dominação ideológica de uma classe sobre a outra, sem que haja o uso da força, de regime ditatorial ou de imposição (BITTENCOURT, 2016, p. 43).

Para Naves e Reis (2017, p. 312), “a hegemonia se refere a uma forma de ‘poder consentido’ que possibilita a identificação de pessoas e suas instituições políticas e sociais, contrastando com formas coercitivas de dominação”. De acordo com Bittencourt (2016), a existência da hegemonia está relacionada aos seguintes aspectos: liderança, ideias dominantes, poder e influência, já que um grupo exerce poder sobre o outro sem a necessidade do uso da força.

A concepção sobre contra-hegemonia também foi elaborada. Conforme os escritos de Gramsci e outros estudiosos, o alicerce programático da contra-hegemonia “é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista” (MORAIS, 2010, p. 73).

As marcas da luta contra-hegemônica são “resistência e contraposição a uma visão de mundo consolidada por uma determinada hegemonia” (FIGUEIREDO, 2014, p. 57). A autora

ainda ressalta que a propriedade dos meios de comunicação e a unilateralidade nos processos de produção comunicativa midiática são algumas das formas de manutenção das condições hegemônicas.

A sociedade é um palco permanente de disputa pela hegemonia das ideias, como condição para a conquista e o exercício do poder. Nela, as forças hegemônicas brigam para consolidar o seu domínio, enquanto as contra-hegemônicas brigam para conquistá-lo, sendo aqui hegemonia entendida como uma forma de dominação por meio do consenso, não da força física (TOLEDO, 2015, p. 7).

O atual contexto da sociedade é marcado pelo impacto da descentralização do poder de fala, “no qual todos os atores possuem espaço para assumir o protagonismo comunicacional em benefício de suas crenças, valores e temas de interesse” (SALVATORI, 2018, p. 8). As inovações tecnológicas marcaram o início da era digital, caracterizada pelo conhecimento, informação e interação, o que possibilitou a transformação de “como as pessoas se conectam e se relacionam, modificando seus comportamentos e atitudes” (MARTINS; SLONGO, 2010, p. 1).

Desse modo, as formas de comunicação passaram por transformações. Nesse cenário, a sociedade reconfigurou-se no meio digital, uma vez que a internet “representa a possibilidade, quase infinita, de acesso a serviços online, comunicação entre pessoas ou troca de dados entre computadores” (NETO; FERREIRA, 2013, p. 3). Assim, surge a possibilidade dessas redes serem utilizadas como instrumento contra-hegemônico no processo de enfrentamento das assimetrias sociais.

De acordo com Recuero (2009), o conceito de rede social se atrela à existência do ser humano, pois onde há um grupo que compartilham interesses em comum, há a troca de diálogos, o que acaba sendo configurado como rede. Diante desse contexto, o Instagram foi criado em 2010, por Kevin Systrom e Mike Krieger. Uma das características do Instagram é permitir “o fluxo intenso de experiências, onde prepondera a comunicação e autoria visual” (ALVES; MOTA; TAVARES, 2018, p. 40). Com a internet e a mídia participativa, “essas saídas para o diálogo múltiplo estão mais acessíveis àqueles à margem do processo comunicacional” (FIGUEIREDO, 2014, p. 92).

2. AUTISMO E A REDE SOCIAL

Um exemplo de assunto bastante abordado nas contas é o Transtorno do Espectro Autista. Indivíduos com este espectro e seus familiares convivem diariamente com atributos que são resultados de uma herança histórica e cultural repleta de desinformação, tais como estigmas culturalmente definidos como depreciativos e estereotipados, que comprometem estas relações (RIES, 2017).

Gramsci explica que é comum um grupo ou classe social que esteja em uma situação de subordinação com relação a outro adotar a concepção de mundo dominante, por conhecer apenas esta, já que a sua é oprimida, ou por opção involuntária, uma incorporação mecânica das ideias hegemônicas, o que ocorre até mesmo se a visão de mundo incorporada for antagônica ou contraditória à realidade prática e aos interesses dos dominados (TOLEDO, 2015, p. 24).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), 70 milhões de pessoas em todo o mundo possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA)⁵. No entanto, as causas ainda não são determinadas. Para grande parte dos familiares de pessoas com o autismo, “um dos maiores problemas hoje é a falta de informação das pessoas. Muitas vezes, isso causa dificuldade na socialização da criança” (CONHEÇA..., 2019).

Diante desse fato, contas no Instagram estão sendo criadas para compartilhar o cotidiano de indivíduos autistas e familiares, focando não só em informações sobre o espectro, mas também em outros temas, tais como quebra do estigma, falta de inclusão, pouca acessibilidade e carência de políticas públicas, o que gera mobilização social (TORO; WERNECK, 2004).

Um terreno fértil gerou mudanças nos papéis desempenhados pelo público daquele tradicional modelo de comunicação em que o poder de produção e circulação de conteúdos cabia às grandes empresas e corporações. Na era da convergência midiática, as audiências ou o público tendem a não ser passivos e em diversos momentos desempenham as mesmas funções de

⁵ Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/geral/53830-conheca-as-caracteristicas-e-aprenda-mais-sobre-o-autismo>. Acesso em: 26 jan. 2020.

produtor e de leitor, ou de produtor e telespectador, ou de produtor e ouvinte, no processo de comunicação (FIGUEIREDO, 2014, p. 98-99).

Dessa forma, o Instagram passa a ser utilizada como meio para reivindicação, mobilização social, visibilidade e até mesmo garantia de direitos através dos recursos midiáticos e tecnológicos, já que “as mídias sociais viabilizam que as ideias disseminadas alcancem muitas pessoas, pois a sua popularidade é inegável e crescente” (TOLEDO, 2015, p. 70).

3. METODOLOGIA

O objetivo do presente trabalho é analisar de que forma o Instagram funciona como meio contra-hegemônico no processo de enfrentamento às assimetrias sociais. Portanto, foi necessário delimitar o objeto quanto à temática social, que foi o autismo. Assim, a conta “Lagarta Vira Pupa” foi escolhida. A página foi criada em 2012 por Andréa Werner Bonoli, jornalista e mãe de Theo, que tem autismo.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, o aporte metodológico utilizado foi a Análise de Conteúdo (AC) na perspectiva qualitativa, conforme Laurence Bardin (2011). Tal técnica de pesquisa se adequa à proposta da pesquisa, já que “trabalha com a palavra, permitindo de forma prática e objetiva produzir inferências do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social” (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p. 682).

O trabalho com análise de conteúdo é dividida em três fases: a pré-análise (onde fazemos as leituras iniciais para desenvolver hipóteses iniciais que nortearão o prosseguimento do trabalho), a exploração do material (em que é feito um aprofundamento do material coletado na primeira fase, posteriormente desenvolvendo categorias a partir da codificação das categorias encontradas), e por último, a fase de tratamento dos resultados, em que o pesquisador faz uma justaposição das categorias semelhantes encontradas na fase anterior.

A codificação corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das

características do texto, que podem servir de índices (BARDIN, 2011, p. 133).

Com as leituras sobre contra-hegemonia e redes sociais, é perceptível o poder de voz concedido ao usuário na internet, já que este é livre para publicar e falar sobre qualquer assunto, dentro das diretrizes da rede social. Após a escolha do perfil *@lagartavirapupa*, alguns materiais foram selecionados para realizar a análise. Ao todo foram 4 *posts* selecionados, com recorte temporal entre 10 de março de 2019 e 11 de novembro de 2019 (o processo de escolha das datas foi de forma randômica). A partir da leitura dos *posts*, foi possível observar as seguintes categorias: (1) meio de circulação de discurso contra-hegemônico através de instrumentos educativos e informativos e (2) ferramenta de geração de identificação.

4. INSTAGRAM COMO MEIO DE CIRCULAÇÃO DE DISCURSO CONTRA-HEGEMÔNICO

Diante do cenário apresentado ao longo da fundamentação teórica, a conta “Lagarta Vira Pupa” se destaca no cenário contra-hegemônico por dar voz, com tanta fluidez, personificação, clareza e frequência, às vivências que usualmente não são repassadas via mídia hegemônica. Através da conta, a jornalista Andréa Werner, que também é mãe de uma criança autista, apresenta informações relevantes do cotidiano da criação de seu filho ao público.

A participação na comunicação é um mecanismo facilitador da ampliação da cidadania, uma vez que possibilita a pessoa tornar-se sujeito de atividades de ação comunitária e dos meios de comunicação ali forjados, o que resulta num processo educativo, sem se estar nos bancos escolares. A pessoa inserida nesse processo tende a mudar o seu modo de ver o mundo e de relacionar-se com ele (PERUZZO, 1999, p. 218).

O conteúdo da conta é voltado para relatos, testemunhos, publicações de imagens, compartilhamento de notícias, reivindicações e mobilizações, em que não só fotos e textos são utilizados, mas o audiovisual também, com destaque para a ferramenta do IGTV. Até a data

da realização da análise, o perfil contava com 81,6 mil seguidores e possuía 3.215 publicações. Andréa Werner é a criadora da *hashtag* "#ninguemsoltaamaedeninguem", já que um dos temas pertinentes tratados por ela é falta de inclusão e políticas públicas para pessoas com necessidades especiais e suas mães. A conta é voltada para a mobilização social, não deixando de questionar projetos de lei no Senado e cobrar por políticas públicas de acessibilidade que deveriam existir para cessar as assimetrias sociais.

É por isso que se deve chamar a atenção para o fato de que o desenvolvimento político do conceito de hegemonia representa, para além do progresso político-prático, um grande progresso filosófico, já que implica e supõe necessariamente uma unidade intelectual e uma ética adequada a uma concepção do real que superou o senso comum e tornou-se crítica, mesmo que dentro de limites ainda restritos (GRAMSCI, 1999, p. 104).

Além disso, conteúdos sobre apoio, tratamentos, evoluções, partilha de experiências e textos motivacionais também são compartilhados, juntamente a dicas de locais que são acessíveis e profissionais que são especializados. Por exemplo, na postagem do dia 15 de novembro de 2019, Andréa dá orientações sobre os direitos para pais de crianças autistas no período de matrícula de seus filhos.

Figura 1 – *Post* sobre o período de matrícula para crianças autistas



Curtido por **abracoamicrocefalia** e outras pessoas

lagartavirapupa Chegamos naquela época do ano em que mães de crianças e adolescentes com deficiência passam mais stress, mais nervoso, mais raiva: a hora da rematricula. Muitas vezes, a escola em que o filho está só vai até uma determinada série, ou não oferece o turno que você precisa, ou o integral, e a saída é procurar outra escola.

Fonte: *print* dos autores.

Na postagem, ela critica que “portas são fechadas — umas sutilmente, outras nem tanto — mesmo com leis como a Lei Brasileira de Inclusão”, o que é uma forma de denúncia ao preconceito que estudantes com espectro autista enfrentam. Esse tipo de *post* serve como um instrumento educativo, causando sensibilidade naqueles que não possuem a mesma vivência que pais de crianças com o espectro, desenvolvendo uma “consciência” dos fatos.

Para tanto, é preciso que as correntes contra-hegemônicas consigam difundir a sua concepção de mundo, fazendo com que as novas ideias penetrem no povo e se tornem costume e valores coletivos, permitindo que acumulem forças para fragilizar os valores vigentes e conquistar paulatinamente a hegemonia (TOLEDO, 2015, p. 33)

Em outra postagem, datada do dia 11 de novembro de 2019, o perfil fala sobre mitos e desinformações sobre o acompanhamento médico de crianças autistas. No *post*, Andréa lista vários mitos a respeito da evolução de crianças diagnosticadas com o espectro. A jornalista

ainda contesta desinformações como “seu filho vai ‘sair do espectro com terapia A, B ou C’”, “dá pra curar o autismo dele” ou “que ele ‘está’ autista ou se encontra em um ‘estado autístico’ e quem precisa de terapia é você”.

Assim, é argumentado que há muita desinformação nesse meio. Desta forma, um grande número de pessoas acaba lucrando em cima das informações falsas que são veiculadas. Logo, é notável que “toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais (GRAMSCI, 1999, p. 399).

5. INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE GERAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Para além do discurso contra-hegemônico encontrado nos *posts* informativos, uma categoria que também está presente nas *postagens* é a identificação com o público. As publicações geram engajamento e encontros comunicativos e interacionais. Vale ressaltar que o conteúdo do Instagram não é direcionado apenas a pessoas próximas ao autismo, mas também a todos que tenham interesse nos seguintes tópicos: maternidade, diversidade, inclusão e acessibilidade.

Independentemente de quais sejam os anseios particulares, o autismo é uma realidade que move sujeitos, de modo especial aqueles que vivenciam as consequências deste transtorno, rumo ao encontro de outras pessoas que também o experimentam ou são fontes de apoio. Surgem, então, encontros comunicativos e interacionais com diferentes atores: médicos ou terapeutas especializados, profissionais da educação, familiares e indivíduos com TEA, ou ainda com a suas redes socioafetivas (RIES, 2017, p. 11).

Portanto, como fonte contra-hegemônica de informação, a página acaba gerando um sentimento de proximidade dos pais que normalmente não vêem suas vivências sendo representadas nos meios tradicionais de comunicação. *Postagens* como a do dia 20 de agosto de 2019, em que o perfil dá dicas de como lidar com crianças com dificuldades para dormir,

acaba gerando uma relação com pais e mães que enfrentam o mesmo problema com os seus filhos, o que resulta em uma identificação com o que foi apresentado por Andréa.

Outra questão que podemos destacar da estrutura das manifestações é o contrapoder. Elas se constituíram sob um processo de comunicação autônoma e livre daqueles que oficialmente detêm o poder, ou seja os detentores oficiais, as estruturas do Estado e ainda as grandes corporações empresariais. Esse processo de autonomia, de concessão do poder ao lado oposto, constrói-se principalmente pelas alternativas existentes nas redes da internet (BITTENCOURT, 2016, p. 275).

Outro exemplo é o *post* do dia 10 de março de 2019, em que Andréa fala sobre o medo de morrer e deixar o filho desassistido, um assunto muito delicado e compartilhado por famílias de pessoas que possuem alguma deficiência. A partir do tema, ela gera uma reflexão sobre essa mesma situação em famílias negras e periféricas, que enfrentam esse mesmo medo, só que de forma mais intensa, já que não possuem privilégios e nem assistência do governo.

O status de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história, numa extensão que varia conforme os países. Na sociedade moderna, os cidadãos são membros de uma sociedade política baseada no sufrágio universal e na qual todos são considerados iguais perante a lei. O que, nem sempre, ocorre na prática (PERUZZO, 1999, p. 209).

Daí, através da criação de um sentimento de identificação através medo apresentado no início do parágrafo, a jornalista cria uma narrativa que instiga o pensamento crítico sobre a necessidade de políticas públicas efetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos, pesquisas e análises realizados ao longo da pesquisa, finalizamos o trabalho com algumas considerações a respeito do papel contra-hegemônico que o *Instagram* promove através da liberdade de expressão que a plataforma e a internet em si possibilitam. Na análise das postagens veiculadas na conta da jornalista Andréa Werner (@lagartavirapupa), podemos fazer justaposição de categorias que se repetiam no material

analisado: (1) meio de circulação de discurso contra-hegemônico através de instrumentos educativos e informativos e (2) ferramenta de geração de identificação.

Na primeira categoria analisada, percebemos que o perfil tem um papel de contra-hegemonia, atuando como uma fonte de informações, além de um local educativo para pais, responsáveis por crianças com espectro autista e pessoas que possuem interesse na questão. Através das vivências com seus filhos e grupos de mães de crianças com espectro, Andréa gera conteúdos que vão desde exposição de casos até dicas e informações sobre o autismo.

Já a segunda categoria gira mais em torno de uma identificação de pais e/ou responsáveis de crianças autistas com a conta de Andréa. Com a pouca veiculação de materiais sobre o espectro, a conta @lagartavirapupa acaba assumindo um papel de ponto de referência e identificação com a causa. Indo na contramão da mídia hegemônica, Andréa se utilizou da liberdade de expressão permitida pela plataforma *Instagram* para criar um local de discussão, troca de informações e cidadania para um segmento ainda encoberto de tabus e desinformação.

Dessa forma, é notável que a tecnologia e o uso de dispositivos móveis possibilitam que indivíduos e instituições utilizem a rede não só como mero registro do cotidiano, mas como ferramenta voltada para a mobilização social e cidadania, atuando como meio contra-hegemônico no processo de enfrentamento das assimetrias sociais. Além disso, são contas independentes como a @lagartavirapupa que atuam contra a manutenção da hegemonia dos meios de comunicação e do acesso à informação.

REFERÊNCIAS

ALVES, André LUIZ; MOTA, Marlton Fontes; TAVARES, Thiago Passos. O Instagram no Processo de Engajamento das Práticas Educacionais: A dinâmica para a socialização do ensino-aprendizagem. **RIOS** - Revista Científica da Faculdade Sete de Setembro, Bahia, v.12, n. 19, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BITTENCOURT, Maíra. **O Príncipe Digital: Estruturas de poder, liderança e hegemonia nas redes sociais**. 2016. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). 443 f. Universidade de São Paulo - São Paulo, 2016.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa Qualitativa: Análise de Discurso versus Análise de Conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, 2006.

CONHEÇA as características e aprenda mais sobre o Autismo. **Ministério da Saúde**, 2 abr. 2019. Disponível em: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/geral/53830-conheca-as-caracteristicas-e-aprenda-mais-sobre-o-autismo>. Acesso em: 26 jan. 2020.

FIGUEIREDO, Verônica. **Hegemonia e contra-hegemonia nas ordens discursivas sobre a questão indígena no Brasil: silenciamento e ativismo**. Tese (Doutorado em Comunicação). 326 f. Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - Brasília, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cartas do Cárcere (Antologia)**. Itália: Estaleiro Editora, 2011.

MARTINS, João Paulo Capelli; SLONGO, Luiz Antonio. O Mercado de Música Digital: um estudo sobre o comportamento do consumidor brasileiro. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 16, n. 53, p. 638-657, 2014.

MORAIS, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**. Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, Jan/Jun. 2010

NAVES, Flávia; REIS, Yuna. Desenhando a resistência: estética e contra-hegemonia no movimento agroecológico no Brasil. **EBAPE**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, Artigo 7, Abr./Jun, 2017.

NETO, Valdemar; FERREIRA, Ricardo. **Os benefícios do uso corporativo das mídias sociais**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 15, 2013, Rio Verde. Anais [...]. Rio Verde, Intercom, 2013.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v.2, n.2, p. 205-228, 1999.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIES, Igor Lucas. Autismo e Interações Comunicacionais nas Redes Sociais: uma análise das redes socioafetivas em casos do Facebook. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom, 2017.

SALVATORI, Patricia Carla Gonçalves. Estudo do processo comunicacional e mobilização digital de entidades associativas em prol do Transtorno do Espectro Autista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville. **Anais [...]** Joinville: Intercom, 2018.

TOLEDO, Penépole Thaís da Cunha. **Contra-hegemonia e mídias sociais: um estudo de caso da campanha “Primavera Carioca”**. 2015. Dissertação (Mestrado em Mídia e Comunicação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte Furquim. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.